

COMO SE PADECE NO PARAÍSO REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MATERNA EM TRÊS FALAS

Lucineide Lima de Paulo (UFF; IFRJ)
lucineide.paulo@ifrj.edu.br

1. *Considerações Iniciais*

Os sujeitos, na interação, empregam a linguagem com diferentes intenções. Frequentemente, o objetivo é comunicar, ao outro, fatos vivenciados. Nessa tentativa de compartilhar acontecimentos, são narradas histórias que, em geral, apresentam traços comuns, isto é, elementos que a tornam mais ou menos prototípicas (por exemplo, uma complicação, um clímax etc.). Além disso, as narrativas permitem ao sujeito significar o mundo em que vive, caracterizando-o ou apenas nomeando-o de forma que, ao relatar, expresse sua visão sobre dado ponto. Essas maneiras de expressão constituem traços culturais que funcionam como uma forma de se reconhecer pertencente a um grupo determinado. Não se pode esquecer que, comumente, tais características são definidas por oposição às características de outros grupos sociais, como se se pudesse declarar: “sou *a* e ajo da forma *a* porque não sou do grupo *b*, onde se age da maneira *b*”. A questão relevante nessa classificação é evitar-se o estigma e o julgamento por meio das oposições *positivo x negativo*.

Por isso, buscamos neste trabalho discutir a construção das identidades maternas em três mulheres com cerca de 50 anos de idade, indagando a elas sobre o significado de ser mãe e incentivando-as a narrar como foi o parto do primeiro filho. Buscamos, com isso, analisar as falas para distinguir como construíram suas próprias identidades de mãe e como se manifestam em relação ao serviço médico prestado no parto do primeiro filho. Assim, distanciadas temporalmente do acontecimento narrado, testamos a idealização do momento, cujos pontos negativos presumíamos ver apagados, mas que na verdade foram mencionados com ênfase. Além disso, comprovamos o que Labov já verificara: ao contar experiências pessoais, as infor-

mantes se envolvem emocionalmente e passam a controlar menos a fala, sendo, portanto, mais espontâneas.

2. *Narrativa – um enfoque sociointeracionista*

Há uma maneira muito comum de se empregar a linguagem para interagir: contando histórias. Por meio da *narrativa*, o ser humano é capaz de significar o mundo em que vive, suas experiências, a si próprio. Contam-se histórias com diferentes finalidades, como informar, divertir, argumentar, expressar sentimentos. Espera-se, entretanto, que tenham certo efeito de suspense ou surpresa e um fechamento qualquer (FINNA, 2009, p. 120). Isso, *grosso modo*, define a narrativa.

3. *Narrativas*

Ao narrar, o indivíduo organiza acontecimentos passados, indicando uma sequência, temporal ou causal. Essa, aliás, é a característica básica para um texto ser assim considerado: apresentar ordem temporal ou sequencialidade.

A forma narrativa seria, assim, uma forma de prática social estruturadora não só do discurso, mas também das relações sociais, constituindo-se em um mecanismo rotineiro de inteligência – socialmente aceitável e respondendo a intenções, audiências e contextos específicos – sobre quem somos, sobre quem são os outros e sobre o que nós e eles fazemos (FABRÍCIO; BASTOS, 2009, p. 42).

Starosky (2009) retoma a clássica proposta de Labov (1972, p. 354-398) para explicar a constituição da narrativa. Haveria uma previsibilidade quanto às partes fundamentais (ou ao menos importantes) para se tomar um texto como uma narrativa canônica:

Resumo:

trecho no qual há uma síntese do tema, funcionando como uma apresentação, uma introdução da história;

Orientação:

fragmento no qual há uma contextualização, isto é, a localiza-

ção espacial e temporal da história, além das personagens envolvidas e a própria situação;

Ação complicadora:

orações nas quais se encontra o clímax;

Avaliação:

comentários extras nos quais são descritos os estados psicológicos das personagens e, também, notas explicativas ou comparativas por parte do narrador. Na avaliação, pode estar explicitado o objetivo da história;

Resultado ou resolução:

apresentação do final da história, de forma que a tensão criada na ação complicadora se desfaça ou reduza;

Coda:

parte em que se anuncia o fim da história, por exemplo, com um pequeno resumo, de forma que se faça uma ligação da narrativa com o momento presente.

É importante ressaltar que essa ordem não é fixa e que nem todos os elementos são imprescindíveis. Para Labov (*apud* STAROCKY, 2009, p. 103), apenas a ação complicadora é essencial, já que definiria o caráter narrativo de um texto. Nas palavras de Finna (2009, p. 118), essa ação complicadora constitui-se de um tipo de ruptura ou distúrbio no decorrer normal dos eventos, o que provocará uma reação ou uma tentativa de reajuste. A autora também menciona que nas histórias prototípicas está presente um objetivo convergente, baseada na interpretação do narrador seja quanto às personagens, seja quanto a eventos, ou mesmo a estados. Em outras palavras, ao se contar uma história, deve-se ter um *ponto*, um motivo para reproduzi-la – ao qual se deve conceder destaque.

A estrutura narrativa, portanto, é composta por elementos fundamentais e por outros apenas acessórios. Poder-se-ia formular uma proposta simplificada do modelo de narrativa de Labov da seguinte forma (FINNA, 2009, p. 121)

a. Resumo: *essa história é sobre o quê?*

b. Orientação: *onde e quando?*

- c. Ação complicadora: *e então... O que aconteceu?*
- d. Resolução: *e... Como terminou?*
- e. Coda: *como isso é relevante para o aqui e agora?*
- f. Avaliação: *e daí?*

4. *Identidades nas Narrativas*

Narrar envolve diversos aspectos além de uma história a ser contada: há a manifestação de uma postura, de uma forma de ver o mundo, de como se posicionar diante do outro e de si mesmo. A língua, por si só, já é reveladora de como as pessoas encaram conflitos e contradições próprias do sistema sócio-político, lembra Minayo (2008). As narrativas, portanto, não fugiriam à regra: manifestam os sujeitos e suas identidades. Os narradores constroem uma variedade de sentidos, articulando-os: por meio desses sentidos, manifestam a si e suas práticas sociais. Assim, seus valores culturais e julgamentos estarão presentes, explícita ou implicitamente.

Já houve a crença de que a identidade de um indivíduo poderia ser determinada, descrita sem falhas. Essa era uma visão que tomava o sujeito como alguém único e livre para escolher. Entretanto, reconhece-se atualmente que o sujeito manifesta diferentes identidades, uma vez que, nos diferentes momentos em que interage, está assumindo diversas posições de sujeito, isto é, não se comporta como um ser imutável, mas é instável – apesar de estar dentro de uma previsibilidade.

Por isso, o termo *identidade* já está marcado com o traço do pré-configurado, invariável, permanente – diferentemente dos sujeitos na realidade. Falar em *identidade* equivale a crer que o indivíduo se constitui de uma essência imutável. Assim, sugere-se o uso do termo *identidades*, que assinala o caráter múltiplo, plural dos sujeitos, os quais teriam à disposição algumas “posições de sujeito” com as quais se movimentariam em sociedade, ou o termo *identificação*, denotador de um processo contínuo de construção do sujeito.

Essa relação entre práticas sociais e narrativa se dá por meio de três fatores: estilos diferentes que deixam perceptíveis os recursos narrativos mais comuns, reelaboração dos papéis sociais e negociação dos sentidos (baseando-se em crenças, valores etc.).

Isso ocorre porque o sujeito sempre apresenta traços culturais em sua postura, ainda que inconscientemente. Em outras palavras: um sujeito é capaz de revelar o comportamento social do grupo a que pertence, representando-o.

Nas palavras de Woodward (2008, p. 17):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa existência e àquilo que somos.

Além disso tudo, não se pode esquecer que a *identidade* é parte de um composto: ela não se constitui sozinha, mas somente a partir da *diferença*. O sujeito categoriza, classifica, etiqueta um elemento a partir do que ele *é*, mas também a partir do que ele *não é*.

5. *Leitura das identidades latentes nas narrativas*

É possível distinguir um sujeito com traços bem delineados por trás do narrador. Isso se dá porque, ao construir a história, o narrador deixa transparecer seu sistema de valores, sua visão de mundo, sua forma de se relacionar com o mundo e com o outro, já que emprega uma espécie de “filtro cultural e afetivo”.

Os falantes são, em geral, bons narradores e dominam estratégias que elevam o suspense, ou criam expectativa, prendendo a atenção do ouvinte. Um desses recursos é o emprego do *discurso relatado*. Haveria um efeito de realce ao provocar a suspensão das ações da história. Isso revelaria a *performance* do narrador, isto é, como o narrador conta a história, quais suas técnicas e meios de envolver o ouvinte com seu relato.

Dessa forma, alguns narradores seriam portadores de um “estilo de alto envolvimento” (TANNEN, 1989 *apud* BASTOS, 2008, p. 102), isto é, empregariam recursos (figuras de linguagem, imagens,

repetições, rimas, diálogos, padrões rítmicos etc.) que tornariam suas narrativas atraentes, prendendo a atenção dos ouvintes, tal qual uma Sherazade.

6. Metodologia: leitura de textos em Análise da Conversa

6.1. As narrativas colhidas

Para proceder à análise, realizamos minientrevistas com três falantes, no mês de agosto de 2009. Seguem as descrições (apenas uma letra identificará as entrevistadas):

1. **A.:** 52 anos, casada, dona-de-casa, nunca trabalhou fora, nasceu no interior do estado do Pará e mudou-se para o estado do Rio de Janeiro em 1978, onde deu à luz três filhos (30, 28 e 26 anos);
2. **B.:** 51 anos, casada, dona-de-casa, trabalhou fora durante a juventude (por cerca de 12 anos), nasceu no Pará e mudou-se para o Rio de Janeiro aproximadamente em 1975. Deu à luz dois filhos (24 e 17 anos);
3. **C.:** 52 anos, casada, dona de casa, trabalhou fora durante a juventude (por cerca de 15 anos), nasceu no Rio de Janeiro, onde deu à luz um filho (27 anos).

Para colher os dados, procedemos da seguinte forma: individualmente abordamos as mulheres, às quais era explicado sucintamente o objetivo do encontro (uma pesquisa em que analisaríamos particularidades das histórias contadas, comparando experiências de vida). Optamos por revelar parcialmente o objetivo no início, deixando claro que se, ao final, fosse do interesse da entrevistada inutilizar a gravação, assim seria feito. Ao final, quando já estavam colhidos os dados, explicávamos com mais detalhes o ponto central da pesquisa e pedíamos autorização para o trabalho com as respostas.

A seguir, a sequência de questões propostas às três participantes:

- a) *O que significa ser mãe para a senhora?*

- b) *Como foi o nascimento do seu primeiro filho? (aqui, convidávamos a entrevistada a esmiuçar como ocorreu esse parto, que emoções e sentimentos teve etc.)*
- c) *Como foi o tratamento médico que você recebeu nesse parto?*

6.2. Notas sobre a transcrição

Empregaremos, neste trabalho, alguns conceitos próprios da Análise da Conversa para dar tratamento adequado às gravações realizadas e posteriores transcrições e estudos. Para isso, recorreremos a alguns autores brasileiros, que revisitaram teóricos como Tannen (1989) ou Jefferson (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974) (entre outros) em suas notações.

Dividimos o texto em *unidades*, para torná-lo mais visível graficamente. Além disso, essa divisão em linhas permite ao analista distinguir padrões rítmicos e repetições nas falas. Gago (2002, p. 93) explica que *unidades de construção de turno* são unidades de fala constituídas por jatos de linguagem.

Para representar, na escrita, o discurso produzido originalmente na modalidade oral, escolhemos manter a *ortografia-padrão*. Gago (*idem*) explica que há dois sistemas (não necessariamente excludentes): a *escrita-padrão* e a *escrita modificada*.

Na escrita-padrão, opta-se por grafar as palavras obedecendo a um registro da língua tido como padrão. Já na escrita modificada, busca-se indicar, por meio de algumas convenções, os detalhes da pronúncia (“*pra num chegá atrasadu*” – por exemplo).

Como nosso objetivo, neste trabalho, não recai sobre formas de se expressar, mas sobre representações sociais – para cujo estudo pouco interferem as variações – esclarecemos que os textos serão transcritos com o mínimo de sinais convencionais de transcrição (silêncios, alongamentos, ênfase, aceleração etc.). Entretanto, ressaltamos que, sendo relevante para a análise, será feita uma breve descrição de tal ou qual fator que tenha influenciado uma fala (como um silêncio mais longo ou risos).

7. *Três pequenas entrevistas: ser mãe é...*

Nossa expectativa, ao optar por um tema subjetivo como a maternidade, era observar relatos que revelassem o alto envolvimento das entrevistadas com o assunto, tornando a narrativa mais fluente, uma vez que o próprio Labov já previra essa facilidade em discorrer sobre um tema, desde que atingisse o aspecto emocional. Além disso, optamos por fazer referência a um evento passado há muito tempo (o primeiro filho em mulheres na faixa dos 50 anos) para deixar virem à tona descrições romantizadas, em que a distância temporal influiria ao apagar ou minimizar a importância de acontecimentos desagradáveis ocorrido à época.

Após as leituras, verificamos haver três eixos ordenadores de ideias, como três grandes motes, os quais serão discutidos em tópicos, a seguir.

7.1. **Nasci para ser mãe**

Em duas entrevistadas, observou-se a revelação de uma vocação para a maternidade.

A entrevistada **A** apresenta a condição de mãe como a “mais importante” e esse *status* é de longa duração, pois o filho “vem pra gente (...) pra gente tomar conta o resto da vida”. Mais que isso, ser mãe, para **A**, é cuidar dos filhos: “isso basta”.

Já **B**, direciona essa importância para o aspecto coletivo da família, pois afirma: “acho que a importância de ter filho / é construir uma família, né? / Depois ao longo do casamento / construir uma família”.

Assim, observamos que ambas assumem um papel construído culturalmente: mulher nasceu para ser mãe e esposa. E há alegria nesse cumprimento de dever.

7.2. Ser mãe é padecer no paraíso

As mães **A** e **C**, por um lado, e **B**, por outro, viveram partos de tipos diferentes: as primeiras deram à luz por parto normal no sistema público de saúde; a segunda, por cesárea com um médico conhecido, do ambiente de trabalho. Assim, a visão de sofrimento é distinta. Para **A** e **C**, houve longo sofrimento antes de ir ao hospital e mesmo depois de dar entrada no sistema público de saúde, e tratamento inadequado ao chegar ao serviço médico. Entretanto, **A** faz questão de mencionar que o momento do nascimento desse filho foi especial e todo o sofrimento foi relegado a segundo plano diante da felicidade do primeiro bebê.

A revela seu sofrimento durante a narrativa: “comecei a sofrer dor às quatro horas da manhã”; somente “uma hora da tarde a vizinha me levou pro hospital”; e “quando deu umas seis horas da tarde nasceu a minha primeira filha”. A ideia do sacrifício também está perceptível na doação materna, na contínua e infindável dedicação: “esse filhão essa filhona que vem pra gente/ o resto da vida/ pra gente tomar conta o resto da vida”. Entretanto, se **A** declara ter sofrido muito, também ameniza a importância dessa dor. A respeito do momento em que foi levada ao hospital, conta: “eu já estava com muitas dores/ mas dor... dor do amor”, ou quando comenta o atendimento ruim que recebeu: “foi horrível porque a enfermeira me tratou mal” e acrescenta, ao final, após uma pausa: “mas depois pa... tudo passou/ depois ficou muito bem”. Acreditamos ver, nesse gesto de reduzir o impacto negativo do parto, uma tentativa de mostrar-se feliz com a tarefa que lhe foi destinada, apesar de esta lhe causar certo martírio: a maternidade.

Da mesma forma, **C** relata seu sofrimento. Ao responder à questão “Como foi o nascimento do seu primeiro filho”, declara rapidamente: “Foi bom não”: “comecei a passar mal cedo/ umas oito horas da manhã / Cheguei no hospital às duas horas da tarde/ Fiquei até onze e meia da noite com dor”. Diferentemente de **A**, que narra a história e acrescenta os horários, intercalando-os no fluxo narrativo, **C** inicia seu relato com a sequência de horários organizada. Essa forma de introduzir sua história situa o ouvinte e cria certa sensação de suspense, como que a fazer o outro pensar: “o que terá ocorrido

nesse meio tempo, já que as dores do parto começaram às oito da manhã e o bebê nasceu quase meia-noite?”. Seu relato é cronológico e, empregando um recurso que busca envolver o ouvinte, o *discurso relatado*, cita o mau tratamento recebido: em certo momento, percebeu que, apesar da hemorragia que sofria, não havia seu tipo sanguíneo anotado no prontuário, pois o próprio médico a inquiriu a respeito: “Aí o doutor até no final / Na minha ficha não tinha / Perguntou o tipo do meu sangue / A senhora sabe o tipo do seu sangue / Eu falei sei / Ah se não passar a hemorragia / nós vamos ter que / vai ter que tomar o sangue”. **C** chega mesmo a mencionar que havia outras pariturientes que, também em recuperação, a convidavam para caminhar: “As mulheres lá / Vamos passear / Vamos comer maçã / Que comer maçã nada / Eu quero deitar / Quero descansar / Aquelas mulheres lá / Estão acostumadas a ter filho”. E aqui ainda observamos uma tentativa de construir uma identidade para tais mulheres que “estão acostumadas a ter filho” e, por isso, teriam mais disposição.

Verificamos assim que a experiência de dar à luz um filho, para essas duas informantes, foi traumática. **A** procura minimizar esse sofrimento, procedimento diferente de **C**, que não oculta sua insatisfação com o serviço público.

Por outro lado, **B**, beneficiada pelo acompanhamento de um obstetra conhecido, esteve tranquila, pois agendou-se o nascimento do bebê para dia 26 de dezembro, permitindo à gestante dirigir-se à maternidade sem dores: “Eu tive cesárea porque não tinha passagem / aí o médico marcou tudo direitinho / aí eu passei o Natal em casa”.

7.3. Amo meu filho

Um traço comum às informantes **A** e **B** foi a menção ao amor sentido pelo filho, ainda que não fosse o tópico trazido pelo entrevistador.

A, já na segunda unidade de fala, declara que “ser mãe é fruto do amor”. E mantém essa visão amorosa em outras unidades: na “dor do amor” e na revelação emocionada (momento em que a voz ficou embargada e os olhos marejados) de como se sentiu depois do parto, ao dizer que “eu chorei muito de emoção/ quando ela nasceu / de

tanta alegria”. Ao final da entrevista, quando observa que as três perguntas já foram feitas e acredita que não há mais o que relatar, procura encerrar sua exposição com “isso me causou muita alegria”.

Essa declaração de amor e felicidade também esteve presente na fala de **B**, por exemplo, no uso diminutivo ao se referir à filha. A tentativa de encerramento é mais significativa para essa notação: “Mas foi tudo bem / Fiquei feliz com a chegada da minha filha / Como eu sou feliz até hoje com ela / Minha () / Eu adoro minha filha / É isso”.

8. Considerações finais

Todas as três informantes produziram narrativas com presença de clímax, coda, apresentação do contexto, o que indica que, mesmo sob uma situação tensa (entrevista gravada para pesquisa), são capazes de conduzir uma narrativa, envolvendo o ouvinte, buscando revelar com clareza o que sentiram e viveram, seja por um relato marcado cronologicamente, seja pela redundância presente em algumas unidades.

Observamos tentativas de reparo mais frequentemente ligadas à busca de um dado na memória, que por considerar haver erros na fala, haja vista a narrativa fazer referência a um fato ocorrido há mais de vinte anos.

B, em certo momento, relata que “O ginecologista era nosso-meu conhecido, né?”, optando por não se expressar no plural (talvez incluindo o marido), mas mantendo o singular. Esse é um reparo prototípico. Entretanto, essa mesma informante, em alguns momentos, busca ganhar tempo com a inserção de “af”, no início das unidades (demarcando um novo parágrafo ou etapa do acontecimento relatado), ou apenas mantendo o silêncio para tentar rememorar um fato. Como nessas entrevistas não houve interação, consideramos que as pausas estavam mais ligadas à organização do pensamento do que a um sentido que o sujeito quisesse atribuir à fala – como pode ocorrer em conversas espontâneas (por exemplo, para ironizar).

Por fim, constatamos que a imagem de mãe ainda prevalece como a da mulher que se sacrifica, que sofre, abdicando de si pelo filho. Entretanto, ressalte-se que essa renúncia é altruísta, pois mesmo vivendo tais situações, ser mãe é rir e chorar, é amar, é ser feliz. Assim, cremos que a imagem romantizada do primeiro filho nas descrições dessas mães e de seus papéis quanto à criação/ educação se dá, principalmente, pelo afeto que nutrem, mas também por estarem distanciadas temporalmente do momento focalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Liliana Cabral. Estórias, vida cotidiana e identidade – uma introdução ao estudo da narrativa. In: CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa; SCLIAR-CABRAIL, Leonor (Orgs.). *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. (p.79-111)

FABRÍCIO, Branca Falabella; BASTOS, Liliana Cabrail. Narrativas e identidades de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias *et al* (Orgs.). *Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 39-66.

_____; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. *Revista Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. Volume 6, número 2. Juiz de Fora, MG: UFJF, jul/dez 2002. Disponível em: <<http://www.revistaveredas.ufjf.br/veredas11.htm>>. Acesso em: 29/07/2009.

FINNA, Anna de. Narrativa e identidade: uma perspectiva discursiva do relato e do sujeito. In: ALMEIDA, Fernando Afonso de; GONÇALVES, José Carlos (Orgs.). *Interação, conceito e identidade em práticas sociais*. Niterói, RJ: EdUFF, 2009, p. 117-143.

FLICK, Uwe. Entrevista episódica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*:

um manual prático. 7. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 114-136.

GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição em Análise da Conversa. *Revista Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. Volume 6, número 2. Juiz de Fora: UFJF, jul/dez 2002. Disponível em: <<http://www.revistaveredas.ufjf.br/veredas11.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 7-22.

LABOV, W. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In: _____. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-398.

LODER, Leticia Ludwig. Noções fundamentais: a organização do reparo. In: ____; JUNG, Neiva Maria (Orgs.). *Falar-em-interação social: introdução à análise da conversação etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 95-126.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Palavra, interações e representações sociais. In: _____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 204-260.

PEREIRA, Tania Conceição. A voz da medicina na entrevista psiquiátrica: o meta-enquadre de gerenciamento de informações. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias *et al* (Orgs.). *Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 273-296.

SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON. A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50 (4), p. 696-735, 1974.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 73-102.

STAROSKY, Priscila. Estrutura narrativa e conarração em fonoaudiologia na interação entre terapeuta e paciente. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias *et alii.* (Orgs.). *Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração.* Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 101-132.

TANNEN, D. *Talking voices.* Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7-72.